

Psicologia: um saber sem memória?

Psychology: Is It a Knowledge without Memory?

Ana Maria Jacó-Vilela*

RESUMO:

O artigo apresenta uma discussão sobre a história da Psicologia na qual ressalta alguns importantes nomes que colaboraram para a formação deste saber no Brasil. A partir de uma contextualização histórico-social, situada entre o final do século XIX e a segunda metade do século XX, analisa a constituição de uma ciência e as relações de forças que tornaram este saber autônomo. Na primeira década do século XX, destacam-se os nomes de Arthur Ramos e Manoel Bomfim, desenvolvedores de pesquisas no campo da Psicologia Social que raramente são mencionados por parte dos historiadores da Psicologia. Outros dois nomes são destacados pela autora, Waclaw Radecki e Emílio Mira y López, personagens da psicologia científica e técnica. Ao longo do texto reflete-se não apenas sobre a historicidade da psicologia, como também sobre suas dificuldades em submeter-se ao saber histórico.

Palavras-chaves: História; Psicologia; autonomização da Psicologia

ABSTRACT:

The paper discusses History of Psychology by focusing in some important people who have participated into the building of this knowledge in Brazil. Back to the end of the nineteenth century and the second half of the twentieth century, it analyzes the constitution of a science and the power relations that made it an autonomous one. In the first decade of the twentieth century, Arthur Ramos and Manoel Bonfim are highlighted. Both were researchers in the Social Psychology field, who are rarely mentioned by psychology historians. It also highlights Waclaw Raddecki and Emílio Mira y López, characters of technical and scientific psychology. The text reflects on the history of psychology and its difficulties to become an object of history knowledge.

Key words: history; psychology; psychology's independence

Entende-se a História, ou seja, a tentativa de reconstrução da gênese de acontecimentos e, principalmente, de nossas idéias, hábitos e costumes, como a grande ferramenta virtualmente apta a nos permitir desnaturalizar as idéias que expressamos, bem como os costumes que compartilhamos com aqueles outros que nos constituem e com quem, juntos, construímos o mundo em que vivemos.

Por diversas contingências, entre elas a participação em um Projeto Integrado que investiga a institucionalização dos saberes psi no Brasil¹ e o reconhecimento do profundo desconhecimento pessoal sobre a história da Psicologia no Brasil, me propus a investigar essa temática. Sendo assim, há dois anos coordeno pesquisa intitulada “A constituição da Psicologia como saber autônomo - o caso brasileiro”².

O primeiro momento metodológico dessa pesquisa implicou a criação de um banco de dados em que foram inseridos os resultados de um processo de busca na Biblioteca Nacional e em outras importantes bibliotecas referentes à Psicologia no Rio de Janeiro³. Dessa coleta, resultou a catalogação de aproximadamente 3 (três) mil títulos, cuja análise redundou em dois trabalhos⁴.

Entretanto, não é nos resultados já obtidos com a pesquisa que desejo me deter aqui. Pretendo, primeiro, fazer menção a um sentimento que, dizem, é comum a historiadores: a sensação de surpresa, de encontrar coisas inesperadas ou inexplicáveis - o sentido de descoberta, talvez. Esta, contudo, é ambígua: o que assim denominamos significa, muitas

vezes, o encontro daquilo que foi objeto de esquecimento. O verdadeiro processo de descoberta se dá então, a meu ver, quando conseguimos, ao constatar o esquecimento, ir além dele e investigar o seu porquê, analisando as relações de força presentes naquele momento histórico. Ou, como diz Maité Larrauri (1994), abordando a teoria foucaultiana da verdade:

“Todo discurso das ciências humanas valida ou revalida um jogo de verdade. (...) descrever as estratégias discursivas e não discursivas através das quais um modo de ser é circunscrito como objeto de conhecimento e uma posição privilegiada definida como sujeito do conhecimento é tornar visível uma relação de forças que se joga no momento da constituição de um saber e permite assinalar contra que ou a favor de que um jogo de verdade se constituiu. Os momentos revolucionários de uma ciência nos mostram a batalha, o momento em que o jogo de verdade podia sair vencedor ou perdedor, se bem que a presença atual das ciências humanas nos diga que se tratava de um jogo finalmente vencedor”. (p. 7)

Lembrar Foucault - presente no título de nossa mesa - é uma forma de introduzir não diria a análise, mas um indicativo das estratégias presentes no início do processo de autonomização da Psicologia no Brasil.

Este ocorre na República Velha (1889-1930), período de grande turbulência social. A abolição da escravidão - ocorrida ao final do Império - e a proclamação da República sugerem a aproximação do país ao modelo das sociedades européias. O ideário liberal de igualdade entre os cidadãos, agora todos livres, se faz presente como uma das correntes - talvez a mais visível - que procuram conseguir a hegemonia para seu projeto republicano. Entretanto, as idéias liberais se expressam no mesmo contexto sócio-econômico previamente existente, uma contradição que Da Matta (1985) realça como se situando entre a ideologia individualista daqueles movimentos e o “esqueleto hierarquizante da sociedade”. Este é o mesmo sentido da expressão famosa de Schwarz (1992) - “idéias fora do lugar”, idéias sem correspondência com nossa realidade e que, por isto, quando importadas, sofrem alterações possibilitadoras de sua adequação ao espaço social, ao mesmo tempo em que permanece a imagem de manutenção de seu sentido original.

A República Velha é uma época de grandes revoltas, tanto populares quanto de segmentos específicos da população - Canudos, Revolta da Chibata, por exemplo. Tais movimentos expressam a insatisfação com a incapacidade do novo regime de concretizar seu ideário no cotidiano das pessoas. O poder central (ou o dos estados, numa época de pouquíssima centralização) responde à insatisfação com o uso da força, massacrando os revoltosos. Entretanto, o espocar contínuo de novos movimentos indica que esse dispositivo de controle não é suficiente. Poderíamos acrescentar que, não por acaso, é nesse período que se inicia a autonomização da Psicologia no Brasil.

Um outro movimento importante neste período é o da intelectualidade. Cientistas, médicos, engenheiros, literatos, todos partilham de um interesse em esclarecer a identidade nacional: não basta o ideário republicano para se construir a nova nação. Uma questão se impõe aos intelectuais: como construir uma sociedade igualitária, idealmente formada por cidadãos autônomos, livres e iguais, num contexto social centrado na diferença, altamente hierarquizado?

Diversas interpretações são propostas, centrando-se principalmente na questão racial⁵. Dentre os autores que deixaram sua contribuição no período, dois despertam maior atenção: Arthur Ramos (1903-1949) e Manoel Bomfim (1868-1932). A produção de ambos pode ser compreendida como incluída na rubrica Psicologia Social, ou, numa

classificação mais refinada, Psicologia da Cultura. Entretanto, a coleta bibliográfica até aqui efetuada apresentou pouquíssimas obras desses dois autores, provavelmente porque se encontram classificadas sob outra rubrica, especialmente Ciências Sociais.

Arthur Ramos, médico formado na escola bahiana de Nina Rodrigues, dedicado à Psicanálise e à Antropologia, ocupou a primeira cátedra de Psicologia Social na antiga Universidade do Distrito Federal, em 1935, e, a partir de 1940, a cátedra de Antropologia na antiga Faculdade de Filosofia da então Universidade do Brasil. Permanece hoje na Psicologia exclusivamente como uma referência - restrita a estudiosos do tema - na história da Psicologia Social.

Manoel Bomfim responde por uma produção em que está sempre presente o interesse pela formação da cultura brasileira e a importância da educação popular. Algumas de suas obras estão sendo reeditadas (“O Brasil Nação - realidade da soberania brasileira”; “A América Latina - males de origem”), mas demarcadas como estudos de História ou Ciências Sociais. Seus trabalhos considerados de Psicologia *tout court*, como “Pensar e dizer” - estudo interessantíssimo sobre os processos psicológicos do pensamento e da linguagem, no qual há uma crítica, ainda hoje pertinente, ao uso da experimentação na investigação desses processos⁶ -, são hoje totalmente desconhecidos.

É importante ressaltar, ao se mencionar tais autores, o âmbito de sua atuação: investigação teórica e prática são vertentes dialéticas de seu compromisso na construção de uma nova nação. Encontram-se imbuídos do mesmo espírito “missionário” da intelectualidade da época, para quem a pequena efetividade do Estado ou da sociedade em construir condições de inscrição na modernidade transfere a ela a tarefa de pensar a cidade - uma refundação da cidade que altere substancialmente as condições e modos de viver e ser (CARVALHO, 1994).

É neste contexto que a Psicologia inicia seu processo de autonomização dos demais saberes com os quais estava até então imbricada. Entretanto, o entendimento de sua constituição como disciplina específica não parece derivar dos trabalhos de autores como os citados, mas, principalmente, da atuação de outros personagens, dentre os quais gostaria de ressaltar os nomes de Radecki e Mira y López.

O cientista polonês Waclaw Radecki (1887/1953) chefiou, de maneira incontestada, o Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro desde sua criação, em 1924, até 1932. O Laboratório apresentava várias facetas: era um centro de pesquisas, um órgão de prestação de serviços psicológicos tanto à Colônia quanto a outras instituições e um núcleo de formação de profissionais psicólogos (através de palestras e cursos variados). É interessante notar, nos relatórios do Laboratório, tanto a realização de psicoterapias com base psicanalítica quanto pesquisas sobre fadiga de menores trabalhadores em fábrica (PENNA, 1992).

Com relação à psicanálise, já conhecida no meio psiquiátrico brasileiro desde o final do século XIX, sua utilização ocorrerá, sob recortes diferentes, tanto através de uma articulação com a Antropologia - como o faz Artur Ramos - como pela via do movimento higienista, que se expande à época. A forma como aparece no Laboratório nos é, entretanto, desconhecida - qual o sentido dado pelo Laboratório a essa expressão?

Por outro lado, a temática da fadiga sugere o interesse do Laboratório na aplicação da Psicologia ao trabalho, principalmente porque outra de suas atividades importantes foi a seleção de aviadores. Destaco, contudo, especificamente essa pesquisa por seu caráter de exceção no contexto das investigações sobre o trabalho - o que comumente se encontra são técnicas de seleção e treinamento de pessoal. Embora esse estudo verse prioritariamente

sobre medidas, principalmente de tempo de reação, parece-me que a especificidade de “menor trabalhador” sugere uma preocupação social que só mais recentemente encontraremos nesta área de aplicação.

Em 1932, o Laboratório cria uma seção, o “Instituto de Psicologia”, com a finalidade principal de criar um curso de formação de “psicólogos profissionais”. Pressões de vários lados - dos médicos, da intelectualidade católica -, aliadas à falta de recursos (CELOFANTI, 1982), inviabilizam o funcionamento do Instituto e Radecki se retira, indo para a Argentina, “desolado” (PENNA, 1992, p. 21)⁷. Com a saída de Radecki, o Instituto de Psicologia volta a funcionar; mais tarde é transferido para a Universidade do Brasil (atual UFRJ) como órgão suplementar e, com as reformulações organizativas que substituem as cátedras em unidades universitárias, constitui hoje uma dessas unidades, na qual um museu - com o nome de Radecki - preserva o que restou do antigo Laboratório.

Emílio Mira y López vem ao Brasil em 1945 para ministrar cursos, a convite do DASP (o então Departamento de Administração do Serviço Público). Em 1947 é novamente convidado, dessa vez para criar o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas, com os objetivos de desenvolver pesquisas acerca da psicotécnica, promover o estudo e difusão de assuntos correlatos ao trabalho e realizar eventos acerca da temática. Será diretor do ISOP desde essa data até seu falecimento, em 1964 (ROSAS, 1995).

Mira y López é, sem dúvida, um personagem crucial do período da história da psicologia no Brasil que se estende dos anos 40 aos 60. Todos os relatos que o focalizam enfatizam sua personalidade dinâmica, seu carisma. Sua produção percorre vários temas da Psicologia, tendo publicado em torno de 14 livros e de 160 artigos, isto sem se considerar sua participação em congressos, bem como as conferências e os cursos que ministrou (ROSAS, 1995) - produção que muitas vezes sofre críticas por ser considerada, principalmente, obra de divulgação. Entretanto, convém lembrar que algumas temáticas surgiram de forma mais sistemática no Brasil a partir de seus trabalhos, como os de Psicologia Jurídica, de Terceira Idade e de Psicologia do Trânsito, para citar alguns exemplos.

Uma outra faceta de Mira y López, também regularmente mencionada, talvez explique sua posição e as críticas sofridas: filiado ao Partido Socialista da Catalunha, exilado da Espanha franquista, foi primeiramente para Cuba e, posteriormente, para outros países da América Latina - Chile, Argentina e Uruguai -, antes de finalmente se fixar no Brasil. Tanto ideologicamente quanto em função de sua história de vida, Mira y López era, portanto, interessado nas questões sociais, sempre afirmando a importância do avanço do conhecimento científico e de sua aplicação “ao benefício do maior número possível de pessoas, a fim de aliviar suas penas” (MIRA Y LÓPEZ, 1988, p. 9).

Radecki e Mira, apesar de suas diferenças, são nitidamente personagens da Psicologia científica, objetiva, técnica. Representam aquela vertente que busca a aproximação da Psicologia com as ciências naturais, caminho a ser alcançado através da “cientificidade”, traduzida, enquanto pesquisa, como método experimental e, enquanto prática, como atividade de diagnóstico (de crianças, de doentes mentais, de trabalhadores) – trata-se do exame, do esquadramento embasado em técnicas desenvolvidas experimentalmente.

Bomfim e Arthur Ramos, por outro lado, são de uma vertente distinta, ensaística, de articulação com outros saberes. Seu ofuscamento na história da Psicologia sugere que, em seu processo de autonomização, a Psicologia parece haver escolhido um caminho: a opção por estudar o indivíduo isolado, considerando seus processos cognitivos e afetivos como dados, “naturais”, próprios da “essência humana”. Opção que a aproxima da Psicologia científica

americana e européia⁸ e que a afasta de qualquer perspectiva de reflexão sobre temas como “identidade nacional” - cuja amplitude não é passível de investigação experimental

Seguindo esta linha de análise, contudo, outra “descoberta” me fez titubear no caminho escolhido. Ao situar Bomfim e Ramos como paradigmáticos de uma Psicologia que “perdeu” e, por isto, mantém seus nomes, hoje, como desconhecidos, surge a dificuldade de se explicar porque Radecki e Mira também desapareceram de nossa história - este último de forma menos incisiva, até porque sua atuação é bem mais recente -, embora a vertente da Psicologia que professavam tenha se mantido⁹.

Uma tentativa de explicação reporta à gênese do objeto da Psicologia, o “indivíduo”. Esta categoria, recente na história da humanidade - a própria palavra surge somente no século XIV - implica uma alteração da “categoria do espírito humano” (MAUSS, 1974) presente no mundo feudal: a Pessoa, cuja identidade era dada por sua posição na sociedade relacional. Esta mudança de categoria, por outro lado, ocorre num contexto específico, da grande transformação das sociedades ocidentais entre os séculos XVI e XVIII. A riqueza desse período¹⁰ decorre, dentre outras coisas, de seu caráter de transitoriedade, da presença da tradição feudal num mundo em que se revoluciona a ciência, em que se estabelece o capitalismo como modo de produção, em que a reforma Protestante quebra a univocidade da religião cristã. A todos esses movimentos adicionam-se ainda as revoluções políticas: nunca é demais frisar a importância, para o sucesso da empreitada capitalista, do ideário de liberdade e igualdade da Revolução Francesa, isto é, não mais pessoas presas às amarras das legislações corporativas e servis do mundo feudal, mas, sim, indivíduos “livres e iguais” para estabelecer contrato no mercado de trabalho.

Neste contexto em que o indivíduo se autonomiza, o mundo também se fragmenta: não há mais uma única verdade - um único valor -, mas coexistem diferentes sistemas - religião, ciência, mercado... - cuja hierarquização deverá ser constituída pelo próprio indivíduo, senhor de sua consciência, de seu livre arbítrio, como assinala Dumont (1985).

Capitalismo, modernidade, individuação são, portanto, fatores de influência recíproca, com um operador em comum: a exigência do progresso, do desenvolvimento, da mudança - enfim, estar sempre em movimento, sempre destruindo o que existe para construir algo novo, seja pelo avanço da técnica, seja pela ocupação de novos espaços, pela criação de novas possibilidades¹¹.

A Psicologia, por sua vez, é um dos frutos dessa modernidade. Ao manter um desconhecimento (ativo) de sua gênese, sua falta de memória não significará uma premente necessidade de estar em movimento, de buscar continuamente o novo, de afirmar sem vacilações sua constituição moderna?

E, principalmente, este primado do “novo” não se torna mais relevante em lugares como o Brasil, em que “não há tradição”? Ou seja, em lugares em que a não assumpção de sua gênese faz com que só nos visualizemos no futuro - o passado é apagado, o presente é passageiro...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Marshall - *Tudo que é sólido desmancha no ar - a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CARVALHO, Maria Alice Rezende - *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

- CELOFANTI, Rogério – “Radecki e a Psicologia no Brasil”. Em: *Psicologia – ciência e profissão*, vol. 3, n. 1. Brasília: 1982.
- DA MATTA, Roberto - *A Casa e a Rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DUMONT, Louis – *O individualismo – uma perspectiva antropológica da sociedade moderna*. São Paulo: Rocco, 1985.
- JACÓ-VILELA, Ana M. - “Livre como os pássaros - o indivíduo na modernidade”. Em: *Cadernos de Psicologia*. UERJ, Instituto de Psicologia. 1994, 2, 5-16.
- LARRAURI, Maite - “Verdade e mentira dos jogos de verdade”. Em: *Rue Descartes*. N. 11, nov. 1994, Paris, Albin Michel (trad. Heliana Conde).
- MAUSS, Marcel – *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.
- MIRA Y LÓPEZ, Emílio (1988, 13a. ed.) - *Quatro gigantes da alma*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- PENNA, Antônio Gomes - *História da Psicologia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- ROSAS, Paulo (1995) - *Mira y López: 30 anos depois*. São Paulo: Vetor.
- RUSSO, Jane Araújo - *Os três sujeitos da Psiquiatria*. Em: *Cadernos IPUB*, (8), 1997.
- SCHWARZ, Roberto - “As idéias fora do lugar”. Em: _____ - *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

* Doutora em Psicologia pela USP, Professora do Departamento de Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da UERJ.

¹ Bibliotecas da PUC-RJ, do Instituto de Psicologia da UFRJ - incluindo o arquivo ISOP lá localizado -, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da UERJ, da Universidade Gama Filho.

² “Análise inicial da produção escrita em Psicologia no Brasil”, em Mancebo e Jacó-Vilela (Org.), *Psicologia Social: abordagens sócio-históricas e desafios contemporâneos*, Eduerj, 1999; “Arquivos Brasileiros de Psicotécnica” e “Boletim do Instituto de Psicologia”: *Psicologia no Brasil*, em Campos, Regina H. F. (org.) Coletânea da ANPEPP - GT de História da Psicologia no Brasil. (no prelo).

³ Bibliotecas da PUC-RJ, do Instituto de Psicologia da UFRJ - incluindo o arquivo ISOP lá localizado -, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da UERJ, da Universidade Gama Filho.

⁴ “Análise inicial da produção escrita em Psicologia no Brasil”, em Mancebo e Jacó-Vilela (Org.), *Psicologia Social: abordagens sócio-históricas e desafios contemporâneos*, Eduerj, 1999; “Arquivos Brasileiros de Psicotécnica” e “Boletim do Instituto de Psicologia”: *Psicologia no Brasil*, em Campos, Regina H. F. (org.) Coletânea da ANPEPP - GT de História da Psicologia no Brasil. (no prelo).

⁵ A este respeito, ver Russo, 1997.

⁶ Metodologia que provavelmente dominava, já que foi o organizador, em 1906, do Laboratório de Psicologia Experimental do “Pedagogium” - segundo Penna, provavelmente o primeiro Laboratório do Brasil (1992, p.61).

⁷ As causas da saída de Radecki não são claras. Em comunicação pessoal, o prof. Eliézer Schneider refere-se à sua insatisfação com o modo brasileiro de tratar cientistas. Segundo o prof. Schneider, Radecki dizia que no Brasil “cientistas são tratados como charlatões e charlatões como cientistas”.

⁸ A psicologia dos países que servem de modelo ao Brasil deriva do trabalho de Wundt no Laboratório de Psicologia Experimental de Leipzig; entretanto, Wundt, considerado o pai da psicologia científica, sempre postulou a existência de duas psicologias: a psicofisiológica e a psicologia social (ou psicologia dos povos).

⁹ Uma linha de investigação que estamos iniciando, por sugestão do prof. Luís Fernando Dias Duarte, refere-se tanto à lentidão da autonomização da Psicologia no Brasil quanto ao papel preponderante que os profissionais europeus, às expensas dos brasileiros, tiveram nesse processo - o que não ocorreu em outras áreas do saber.

¹⁰ Este processo encontra-se mais detalhado em Jacó-Vilela, 1994.

¹¹ O “Fausto” de Goethe, ao mesmo tempo que sinaliza esse momento de transição – afinal, Fausto ainda está imbuído da tradição - assinala a aparente irreversibilidade da mudança em curso (BERMAN, 1986).